

CAPOEIRA



Revista de Humanidades e Letras

ISSN: 2359-2354

Vol. 9 | Nº. 1 | Ano 2024

Editores

Dr. Pedro Acosta-Leyva.
Dra Juliana Barreto Farias.

Site/contato

<https://revistas.unilab.edu.br/>

Email: leyva@unilab.edu.br

Email: julianafarias@unilab.edu.br

O espelho conventual: a comunidade das Mônicas do Monte Santo e a sociedade goesa no mundo Moderno

Resenha elaborada por: Karoline Marques Machado¹

OLIVEIRA, Rozely Menezes Vigas. *Nas clausuras de Goa: a comunidade das mônicas no Monte Santo e sua economia espiritual (1606-1721)*. Porto: Editora Cravo, 2023. 337p.

Aos turistas desavisados que atravessam a estrada que conecta Panjim a Goa Velha, passam despercebidos pelo antigo portão de ferro que protege uma das entradas da comunidade das Mônicas. Aos turistas mais interessados na história local, é necessário subir ao Monte Santo para encontrar a entrada principal para o antigo claustro do Convento de Santa Mônica. A subida não é tão cansativa e temos, como recompensa, a possibilidade de conhecer a Igreja do Convento de Santa Mônica, que remonta ao período colonial, e o Museu de Arte Cristã, com relíquias religiosas que nos transportam para tempos distantes, mas que explicam muito da territorialidade religiosa construída pelas freiras naquela que foi a capital do Estado da Índia sob o domínio do Império português.

¹ Mm Investigadora do Instituto Max Planck de História do Direito e Teoria do Direito
Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Estado do Rio de Janeiro marques@lhlt.mpg.de

Nas clausuras de Goa: a comunidade das Mônicas no Monte Santo e sua economia espiritual (1606-1721) surge no cenário historiográfico brasileiro para nos conectar com espaços que foram até então pouco explorados pela historiografia nacional. Apesar de existirem obras de historiadoras brasileiros acerca da presença portuguesa na Ásia, aqui lembro os trabalhos de Célia Tavares (2004)², Andréa Doré (2010)³, Patrícia Faria de Souza (2013)⁴ e Rômulo Ehalt (2018)⁵, muito ainda precisa ser explorado. Ainda é uma exceção aqueles que se aventuram por mares tão distantes, extrapolando o complexo Atlântico, em busca de novos entendimentos acerca das conexões e interações que integraram o complexo território sob a influência da Coroa lusa.

Neste livro, somos guiados pela historiadora Rozely Menezes Viegas de Oliveira para conhecer e acompanhar o cotidiano das freiras que adentraram no Convento de Santa Mônica de Goa. Engana-se quem pensa que a autora se limitou a observar a vida intra-muros das religiosas; ao contrário, a grande contribuição está na inserção das Mônicas nas dinâmicas políticas, econômicas e sociais da cidade de Goa. Do alto do Monte Santo, como demonstra Viegas Oliveira, foram aquelas mulheres apartadas do mundo capazes de elaborar estratégias de obtenção de proventos, criar suas redes de sociabilidade e influenciar nas dinâmicas da cidade.

A obra está dividida em duas partes. A primeira, "Agostinhas na Ásia Portuguesa", conta com três capítulos que nos convidam a adentrar ao claustro. Ao longo desses capítulos, somos apresentados à origem do convento – o primeiro dedicado à vida claustral feminina do Estado da Índia. Conhecemos o perfil social das mulheres recolhidas na instituição, isto é, as "esposas de Cristo", mas sabiamente demonstra a relação, as trocas e tensões com as outras mulheres que participavam da vida conventual, mas que não adentraram à vida religiosa. Na segunda parte, "A economia espiritual das Mônicas goesas", conta com dois capítulos que demonstram como ocorria a relação com o mundo exterior ao espaço do claustro. Ao conduzir uma análise minuciosa da economia conventual, a autora revela como as Mônicas impactam e foram impactadas pelos acontecimentos políticos e econômicos, a nível local, na cidade de Goa, e a nível global, no Império.

² TAVARES, Célia. *Jesuítas e inquisidores em Goa: a cristandade insular (1540-1682)*. Lisboa: Roma Editora, 2004.

³ DORÉ, Andréa. *Sitiados: os cercos às fortalezas portuguesas na Índia*. São Paulo: Alameda, 2010.

⁴ FARIA, Patricia Souza de. *A conquista das almas do Oriente: franciscanos, catolicismo e poder colonial português em Goa (1540-1740)*. Rio de Janeiro: 7letras, 2013.

⁵ EHALT, Rômulo da Silva. *Jesuits and the Problem of Slavery in Early Modern Japan*. Tese de Doutorado em Filosofia, Tokyo University of Foreign Studies, Japão, 2018.

O primeiro capítulo apresenta os agentes envolvidos na fundação da comunidade das Mônicas em Goa. Apesar do papel de figuras masculinas, é destacada a ação de Phelipa da Trindade e sua filha no estabelecimento do convento no alto do Monte Santo. Destaca-se também o uso do conceito de territorialidade religiosa, oriundo dos debates na geografia, que é salutar para apreender a ligação identitária dos indivíduos e grupos com os espaços que habitam (HAESBARTH, 2006)⁶. Ao mergulhar na miríade de culturas que constituíram a cidade de Goa, a autora destaca como a cidade tinha um papel de encruzilhada cultural ao reunir muçulmanos, hindus, católicos e outras origens étnicas não registradas à época, que, apesar dos conflitos, realizavam trocas e construía alianças, desenhando novas fronteiras naquele espaço sob o domínio da Coroa portuguesa. Entender como eram construídas as relações políticas, econômicas e sociais em Goa era fundamental para deslindar o funcionamento do próprio convento das Mônicas. O claustro, segundo a autora, deve ser entendido como um espelho ao refletir em seu espaço as dinâmicas do sistema colonial.

No segundo capítulo, passamos a conhecer o conjunto de mulheres que adentraram ao claustro. Sem nomear, a autora dá os primeiros passos para uma análise prosopográfica com o intuito de se aproximar do perfil social das recolhidas. Talvez uma barreira para a utilização do método prosopográfico esteja correlacionada à dificuldade de obter informações nas fontes primárias acerca das mulheres que constituíam o corpo de religiosas do convento. Apesar disso, somos apresentados à origem, naturalidade e aos cargos ocupados pelas freiras. Não nos surpreende o fato de as mulheres que se dedicaram à vida claustral terem origem em famílias abastadas, pertencendo muitas delas à mesma família. Aqui, ainda é importante destacar o papel das viúvas que, ao serem recolhidas, tinham suas heranças incorporadas ao patrimônio do convento. No que corresponde à naturalidade, não se limitaram à presença de mulheres de Goa ou de seus arredores. Nota-se a presença de múltiplas regiões do Estado da Índia, com destaque para as regiões de fortalezas, mas também de locais de missão. Após apresentar o perfil das mulheres que compunham o convento, a autora apresenta a sua estrutura. Assim como a sociedade colonial, o convento refletia em seu microcosmo uma estrutura piramidal que reproduzia os estamentos da época Moderna.

O terceiro capítulo, dedicado às outras mulheres que participavam da vida no claustro, reconstrói, mais uma vez, as relações que existiam na sociedade goesa. A análise, segundo a autora, da estrutura de funcionamento do convento possibilitou a percepção do diálogo entre o microcosmo (convento) e o macrocosmo (sociedade colonial) através das distinções entre

⁶ HAESBARTH, Rogério. “Concepções de território para entender a desterritorialização”. In: SANTOS, Milton e BECKER, Berta (orgs.). *Território, territórios*. Rio de Janeiro: DPQA, 2006.

as mulheres de origem portuguesa e de origem hindu. Ficando as últimas, apesar de pertencerem às castas mais altas, limitadas à entrada no convento como irmãs leigas, o que ratificava a posição social de cada grupo que compunha a sociedade goesa.

Ao chegar na segunda parte, encontramos o quarto capítulo, onde nos deparamos com a organização da cidade de Goa e seus arredores. Ao tratar de um tema tão distante da historiografia brasileira, a autora tem o cuidado de situar os seus leitores no espaço e tempo. Nesse exercício, houve o privilégio de compreender a Câmara e seus membros, que, apesar de gozar das mesmas garantias da Câmara de Lisboa, formou, segundo a autora, um espelho deformado, ao passo que o governo, em Goa, tinha uma estrutura híbrida por conta das adaptações à realidade local. Ao observar os braços da Coroa portuguesa, destacou-se o papel militar, tendo grande importância em uma sociedade de fronteira.

Após situar os espaços extramuros, isto é, a sociedade goesa, a autora retorna para o espaço conventual, destacando o papel do locutório como um ponto de encontro entre ambos os espaços. No final do capítulo, introduz as primeiras reflexões acerca da economia conventual ao apresentar as fontes de rendimento do convento, sendo a comunidade das Mônicas uma das mais ricas instituições em Goa. É nessa altura que percebemos, a partir do olhar aguçado e da astuta análise documental de Vidas Oliveira, que não apenas as religiosas do Monte Santo, mas os conventos, no geral, reproduziram as dinâmicas econômicas da Ásia portuguesa.

O quinto e último capítulo esmiúça o avultoso patrimônio do convento de Santa Mônica. Como eram essas mulheres capazes de acumular bens? Como sobreviviam e ainda auxiliavam a comunidade? Não eram apenas os dotes – quantias arrecadadas no momento da confissão das religiosas – que as sustentavam. Era necessário muito mais do que os montantes – que em muitos casos sequer chegavam a ser pagos – oferecidos pelas famílias no momento da entrada das freiras no claustro.

Dentre as relações econômicas que atravessavam o dia a dia no convento, foram destacadas as práticas creditícias, empréstimos realizados tanto pelo convento como pelas próprias religiosas; o recebimento de esmolas oriundas de mercês concedidas pelo monarca; a administração de legados pios, oriundos da realização de missas destinadas à salvação das almas; e, por fim, o recebimento de bens de raiz, oriundos das heranças recebidas pelas freiras e por doações feitas à instituição. Nessa última forma de locupletação, sublinhe-se que a administração de imóveis, segundo a autora, possibilitou a expansão das redes das Mônicas ao conectá-las com novos membros e instituições da comunidade local.

Decorrido cada capítulo que compõe essa majestosa obra, é necessário questionarmos sobre as suas ausências. É inquestionável o esforço da autora para situar o convento nas dinâmicas da sociedade goesa, mas, ao focalizar essa relação, deixou de lado quem eram as mulheres por detrás dos hábitos. Talvez, pela fragmentação da documentação, como já aventado anteriormente, não seja possível nos aproximarmos das mulheres e, além disso, reconstruir as redes que conectavam cada uma das Mônicas no espaço conventual, mas também ao mundo exterior.

A análise de rede, segundo Michel Bertrand (1999)⁷, para identificação dos círculos sociais, os quais em seu interior possuem um complexo sistema de vínculos que possuem trocas tanto de bens quanto de serviços. Apesar de, em alguns casos fragmentários, as informações acerca das relações sociais permitem ao pesquisador perceber como uma pessoa atua em determinado círculo social e como ela mantém e ativa diferentes vínculos em distintos momentos da sua trajetória. A partir disso, os círculos podem ser identificados através de procedimentos quantitativos, frequência da interação e identificação da recorrência de vínculos mais fortes que outros, e qualitativamente, ao identificar indivíduos que ocupem um lugar mais preponderante no sistema relacional a ser analisado.

Os conflitos representam outra dimensão diluída durante a obra. Apesar de tocar nas disputas das Mônicas com a Câmara e a Misericórdia – sendo estas duas últimas o que Charles Boxer chamou de pilares gêmeos do Império marítimo português – muitas questões ainda precisam ser respondidas. Ao pensar nos conflitos intramuros, indagamos: Não havia conflitos entre as religiosas? Como ocorria a disputa para os cargos de maior prestígio dentro do convento? As disputas entre ramos distintos das famílias que formavam as elites goesas refletiam nas relações entre as freiras? Ao refletir sobre as disputas extramuros, questionamos: não ocorreu algum desvio dos bens das monjas? Como a Ordem dos Agostinhos lidava com a riqueza arrecadada pelas freiras? Existia algum questionamento por parte de outros órgãos da Coroa acerca do papel exercido pelas religiosas?

As questões só são possíveis por conta do arrojado e inovador trabalho de Rozely Menezes Vigas Oliveira, que nos conduz pela trajetória do Convento de Santa Mônica, tornando a instituição e os seus membros como uma janela para compreendermos as dinâmicas da sociedade colonial na capital do Estado da Índia. É importante frisar que Vigas Oliveira demonstra que é necessário pensar o papel dos espaços conventuais femininos durante a época Moderna para além de repositórios de mulheres submissas. Essas

⁷ BERTRAND, M. “De la familia a la red de sociabilidad”. *Revista Mexicana de Sociología*. México: vol. 61, n. 2, abril-junio, 1999.

instituições, essas mulheres são detentoras de sua própria história, tendo influenciado nas dinâmicas políticas, econômicas e sociais das localidades em que viviam, ao serem responsáveis pela produção de dinâmicas próprias que repercutiram na sociedade colonial.

É preciso pontuar a diversa coleta de fontes primárias que proporcionaram a rica operação historiográfica presente nas reflexões da autora acerca das religiosas, do Convento e, principalmente, das redes tecidas pelas mulheres com a sociedade extramuros. O conjunto documental é impressionante por seu volume, mas também pelo esforço da autora ao se deslocar por três continentes para costurar os retalhos amalhados no Brasil, Portugal, Itália e Índia. Além disso, é importante observar o rigor metodológico seguido no uso das fontes. Tal operação possibilitou a (re)construção do cotidiano das Mônicas, suas redes de sociabilidade, e demonstrar que é impossível pensar a cidade de Goa sem compreender o papel dessas mulheres nos jogos políticos e econômicos travados naquele espaço.

Em nossas reflexões finais, reconhecemos o esforço realizado pela autora de pensar paralelos com outras instituições conventuais femininas espalhadas por espaços que não se limitavam à parte do mundo sob influência da Coroa portuguesa. É recorrente ao longo da obra o diálogo com as obras de Ximena Rios (2011)⁸ sobre as monjas coloniais no Chile e Sarah Owens (2017)⁹ acerca de mulheres religiosas no Império espanhol. A criação desses paralelos com espaços que extrapolem a Ásia portuguesa foi decisivamente influenciada pela aplicação do conceito de mundialização oriundo dos trabalhos de Serge Gruzinski (2014)¹⁰. Por fim, é importante destacar a contribuição desse trabalho para a história das mulheres que, ao ganhar força através dos movimentos feministas da década de 1970 e ao ser impulsionada pelos estudos antropológicos e a história das mentalidades (LE GOFF, 1976)¹¹, ainda carece de contribuições.

A historiografia ganhou mais uma bela contribuição. As novas gerações receberam um modelo a ser seguido. Que as conexões imperiais entre o Estado do Brasil e o Estado da Índia possam ser temas recorrentes de debates para deslindarmos juntos a formação de nossas sociedades e compreendermos as nossas Histórias.

⁸ RÍOS, Ximena Azúa. *Abriendo nuestros propios cofres. La escritura de las monjas coloniales em Chile*. Tese de Doutorado em Literatura Chilena, Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad de Chile, Santiago, 2011.

⁹ OWENS, Sarah E. Nuns. *Navigating the Spanish Empire*. Cidade do México, DF: University of New Mexico Press, 2017.

¹⁰ GRUZINSKI, Serge. *As quatro partes do mundo: história de uma mundialização*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Edusp, 2014.

¹¹ LE GOFF, Jacques. “História das mentalidades, uma história ambígua”. In: LE GOFF, J. & NORA, P. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.